

**WASH**

*jacques roubaud*  
*alguma coisa negro*



*Tradução e posfácio*  
José Mário Silva

*Prefácio*  
Gonçalo M. Tavares

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
PEDRO MEXIA

L I S B O A  
T I N T A - D A - C H I N A  
M M X V I I

## SOBRE ALGUMA COISA NEGRO

GONÇALO M. TAVARES

© 2016, Edições Tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título original: *Quelque chose noir*  
@ Éditions Gallimard, 1986

Título: *Alguma Coisa Negro*  
Autor: Jacques Roubaud  
Tradução e posfácio: José Mário Silva  
Prefácio: Gonçalo M. Tavares  
Coordenador da colecção: Pedro Mexia  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Fevereiro de 2017

ISBN 978-989-671-350-8  
DEPÓSITO LEGAL N.º: 419187/16

Desenvolvimento de um grito, uma forma de a linguagem, e de o humano, não se renderem. Morre quem amo, mas mesmo assim não aceito a mudez ou a suspensão da clareza. A morte de quem se ama não nos transformará em massa informe. Uma recusa, portanto.

E é essa proeza, esse heroísmo primeiro que observamos em *Alguma Coisa Negro*, de Jacques Roubaud, neste belo desafio para a tradução de José Mário Silva. Roubaud escreve depois da morte da companheira, Alix Cléo: *Diante da tua morte eu fiquei completamente silencioso. // Não consegui falar durante quase trinta meses.*

Ponto mais próximo de a linguagem ser muda, de não ser verdadeiramente; a poesia parece colocar-se a uma distância infinitamente pequena da mudez que sofre. Distância decisiva.

O mais terrível dos tédios, o que aparece depois de morrer quem se ama. O que importa aquilo que um pode fazer, ou os outros? *Nada me afecta no negrume.* Aborrecimento essencial, sem saída — o homem diante da sua incapacidade física, da sua incompetência e fraqueza de linguagem. Tudo parece fazer parte de uma missão sem sentido; uma torre negativa, a mais baixa e sinistra, de onde é tão difícil sair para a superfície.

Mas um homem sacode a má poeira e ergue a cabeça, mesmo que pouco, mesmo que apenas por uns breves segundos de cada vez. E fala. O mais breve possível, o mais rápido possível, mas fala. Melhor, murmura; balbucia — *ainda estou vivo*. E depois continua. E nesse avanço consegue escrever um livro de sobrevivência onde, por vezes, subitamente, surgem sínteses assustadoras: *Um homem abandonado, por causa de uma morte, recebe uma chamada telefónica. Esta chamada é feita pela mulher amada, e morta.*

Estamos neste livro perante o segundo Roubaud, o segundo homem. Alguém corajoso.

Tudo no mundo é sonoro, mas o uivo do animal viúvo parece estar antes e depois, como se ao lado do corpo morto amado a voz só pudesse atingir níveis de som acima ou abaixo dos limites habituais. Uivo e murmúrio.

Só com hesitação e quase vergonha, por entrar na intimidade do outro, se pode abrir este livro. É um quase ler sem ler, ler sem fixar os olhos nas letras; um milímetro abaixo de cada palavra, aí está algo (negro) que fixamos.

Talvez não seja um livro para ser analisado, interpretado. Diante do sofrimento do outro pouco resta fazer senão ficar ao lado — com os olhos baixos, se tivermos pudor. Assim se deve acompanhar este livro, parece-me. Com olhos baixos, com olhos contidos: *Luzes pronunciadas pelas plantas negras. [...] // Impossível escrever, casado/a com uma morta.*

## ALGUMA COISA NEGRO



Je me trouvai devant ce silence inarticulé un peu comme le bois certains en de semblables moments ont pensé déchiffrer l'esprit dans quelque rémanence cela fut pour eux une consolation ou du redoublement de l'horreur pas moi.

Il y avait du sang lourd sous ta peau dans ta main tombé au bout des doigts je ne le voyais pas humain.

Cette image se présente pour la millième fois à neuf avec la même violence elle ne peut pas ne pas se répéter indéfiniment une nouvelle génération de mes cellules si temps il y a trouvera cette duplication onéreuse ces tirages photographiques internes je n'ai pas le choix maintenant.

Rien ne m'influence dans la noirceur.

Je ne m'exerce à aucune comparaison je n'avance aucune hypothèse je m'enfonce par les ongles.

Je suis de temps myope on ne peut pas me dire regarde cette herbe là-bas dix ans en avant va dans sa direction.

Estava diante deste silêncio desarticulado semelhante a madeira alguns em momentos assim pensaram decifrar o espírito no que persiste isso foi para eles uma consolação ou um redobrar do horror não para mim.

Havia sangue espesso por baixo da tua pele na tua mão concentrado na ponta dos dedos deixara de me parecer humano.

Esta imagem surge pela milésima vez de novo com a mesma violência não é possível deixar de repeti-la indefinidamente uma nova geração das minhas células se houver tempo considerará esta duplicação excessiva estas impressões fotográficas internas já não tenho escolha agora.

Nada me afecta no negrume.

Não me sujeito a nenhuma comparação não avanço nenhuma hipótese afundo-me até às unhas.

Sou há muito míope não podem dizer-me olha esta erva ali dez anos antes vai para lá.

Le regard humain a le pouvoir de donner de la valeur aux êtres cela les rend plus coûteux.

On ne peut pas me dire parle et attend une seule chose de la parole elle ne sera pas pensée.

Voilà le bout le bout où il n'y a aucune vérité qu'une palme de feuilles en espace avec ses encombrements.

O olhar humano tem o poder de dar valor aos seres isso torna-os mais caros.

Não podem dizer-me fala e espera uma coisa apenas da palavra ela não será pensada.

Eis o fim o fim onde não há outra verdade a não ser uma mão cheia de folhas no espaço a impedir o caminho.

La porte repoussait de la lumière.

Je savais qu'il y avait là une main. qui m'accorderait désormais tout le reste ?

L'ayant vue, ayant reconnu la mort, que non seulement il semblait en être ainsi, mais qu'il en était ainsi certainement, mais qu'il n'y avait aucun sens à en douter.

L'ayant vue, ayant reconnu la mort.

Quelqu'un m'aurait dit : « je ne sais pas si c'est une main ». je n'aurais pu répondre. « regardes-y de plus près. » aucun jeu de langage ne pouvait déplacer cette certitude. ta main pendait au bord du lit.

Tiède. tiède seulement. tiède encore.

Du sang s'était alourdi au bout des doigts. comme un fond de guinness dans un verre.

Je ne le voyais pas humain. « il y a du sang dans une main humaine ». je comprenais très clair le sens de cette proposition. parceque je contemplais sa confirmation négative.

A porta fazia recuar a luz.

Eu sabia que havia ali uma mão. quem me concederia a partir de agora tudo o resto?

Tendo-a visto, tendo reconhecido a morte, que não apenas parecia ser assim, mas que era assim de certeza, não havia razão para duvidar.

Tendo-a visto, tendo reconhecido a morte.

Alguém poderia dizer-me: « não sei se é uma mão ». seria incapaz de responder. « observa-a mais de perto. » nenhum jogo de linguagem conseguiria deslocar esta certeza. a tua mão pendia na beira da cama.

Morna. apenas morna. ainda morna.

Na ponta dos dedos, sangue mais pesado. como um fundo de cerveja preta num copo.

Deixara de me parecer humano. « há sangue em qualquer mão humana ». compreendia de forma muito clara o sentido desta proposição. porque contemplava a sua confirmação pela negativa.



Il ne m'était pas nécessaire de me dire: «du sang coule dans une main vivante». chose que pourtant personne n'a jamais vue. ce sang là de toute évidence ne coulait pas. ce que je ne pouvais mettre en doute. pour douter me manquaient les raisons.

Não precisava de me dizer: «corre sangue numa mão viva». algo que no entanto nunca ninguém viu. era evidente que este sangue não corria. impossível pôr isto em dúvida. faltavam-me as razões para duvidar.

*Je voulais détourner son regard à jamais*

Je voulais détourner son regard à jamais. je voulais être seul au monde à ne pas avoir vu du tout. cette main aurait pu ne pas être là, après tout: mais moi non plus, et avec moi disparaître le monde. ce cadeau. l'image de la mort.

Elle avait aimé la vie passionnément de loin. sans l'impression d'y être ni d'en faire partie. malheureuse, elle photographiait des pelouses tranquilles et du bonheur familial. extase paradisiaque, elle photographiait la mort et sa nostalgie.

Pour une fois adéquation exacte de la mort même à la mort rêvée, la mort vécue, la mort même même. Identique à elle même même.

Gouffre pur de l'amour.

S'endormir comme tout le monde. ce que je veux.

Je t'aime jusque là.

Évidemment ce n'était pas un cadeau ordinaire. celui de me livrer, à cinq heures du matin, un vendredi, l'image de ta mort.

*Queria desviar para sempre o seu olhar*

Queria desviar para sempre o seu olhar. queria ser o único no mundo a não ter visto nada. afinal aquela mão poderia não estar ali: mas eu também não, e comigo desaparecer o mundo. esta oferta. a imagem da tua morte.

Ela amara a vida apaixonadamente, de longe. sem a impressão de estar lá nem de fazer parte dela. infeliz, fotografava relvados tranquilos e felicidade familiar. êxtase paradisíaco, fotografava a morte e a sua nostalgia.

Por uma vez adequação exacta da morte concreta à morte sonhada, a morte vivida, a morte mesmo mesmo. idêntica a si mesma mesma.

Puro precipício do amor.

Adormecer como toda a gente. é o que desejo.

Amo-te até aí.

É evidente que não se trata de uma oferta comum. enfrentar, às cinco da manhã, numa sexta-feira, a imagem da tua morte.

Pas une photographie.

La mort même même. identique à elle même même.

Não uma fotografia.

A morte mesmo mesmo. idêntica a si mesma mesma.

## *L'irressemblance*

Le résultat de l'investigation était celui-ci: le précipité des ressemblances. la toile de la ressemblance. ses fils croisés et recroisés.

Parfois la ressemblance de partout. parfois la ressemblance *là*.

Ensuite que toi et ta mort n'avaient aucun air de famille.

Cela semble simple. alors: il n'y avait plus lieu d'une réquisition difficile. d'aucune interrogation rude. simplement le bavardage douloureux. inutile. superficiel et trivial.

«Un chien ne peut pas simuler la douleur. est-ce parce qu'il est trop honnête?»

Il fallait faire connaissance avec la description.

En quelques mots ce qui ne bougeait pas.

Car cela m'avait été renvoyé reconnu. alors que rien ne s'en déduisait de mon expérience.

Tu étais morte. et cela ne mentait pas.

## *A dissemelhança*

O resultado da investigação era este: o precipitado das semelhanças. A tela da semelhança. os seus fios cruzados e recruzados.

Por vezes a semelhança em tudo. por vezes a semelhança *naquilo*.

E depois tu e a tua morte não tinham qualquer parentesco.

Parece simples. então: não havia necessidade de uma requisição difícil. nem de um interrogatório rude. apenas o palavreado doloroso. inútil. superficial e trivial.

«Um cão não consegue simular a dor. será porque é demasiado honesto?»

Era preciso ficar a conhecer a descrição.

Em poucas palavras, o que não se mexia.

Porque me devolviam esse reconhecimento. quando nada se poderia deduzir da minha experiência.

Estavas morta. e esse facto não mentia.

*En moi régnait la désolation*

Où ton inexistence était si forte. elle était devenue forme d'être.

En moi régnait la désolation. comme conversant à voix basse.

Mais les paroles n'avaient pas la force de franchir.

De franchir seulement. car il n'y avait pas quoi.

On se tourne vers le monde. on se tourne vers soi.

On voudrait n'habiter aucunement.

C'est le noyau habituel de l'infortune.

« Vous » était notre mode d'adresse. l'avait été.

Morte je ne pouvais plus dire que: « tu ».

*Em mim reinava a desolação*

Onde a tua inexistência era tão forte. ela transformara-se numa forma de ser.

Em mim reinava a desolação. como se conversasse em voz baixa.

Mas as palavras não tinham força para atravessar.

Atravessar apenas. pois não havia o que atravessar.

Viramo-nos para o mundo. viramo-nos para nós mesmos.

Não queríamos habitar nada.

Eis o núcleo habitual do infortúnio.

Tratávamo-nos por «você». antes.

Contigo morta, já só podia dizer: «tu».

*Où es-tu?*

Où es tu:

qui?

Sous la lampe, entourée de noir, je te dispose :

En deux dimensions

Du noir tombe

Sous les angles. comme une poussière :

Image sans épaisseur    voix sans épaisseur

La terre

qui te frotte

Le monde

dont plus rien ne te sépare

Sous la lampe. dans la nuit. entouré de noir. contre la porte.

*Onde estás?*

Onde estás:

quem?

Sob a lâmpada, cercada de escuridão, disponho-te:

Em duas dimensões

A escuridão cai

Sob os ângulos. como uma poeira:

Imagem sem espessura    voz sem espessura

A terra

que te esfrega

O mundo

do qual já nada te separa

Sob a lâmpada. na noite. cercado de escuridão. contra a porta.

*Point vacillant*

Te retournant sans masse aucune sans difficulté  
aucune lente vers le point vacillant du doute de tout.

Je ne t'ai pas sauvée de la nuit difficile.

Tu ne dors pas séparée de moi étroite et séparée  
de moi.

Tu es entièrement indemne spirituellement et entiè-  
rement.

Indemne mais par poignées.

Et la grâce difficile des nuages te pénètre par le  
golfe de toits entre les deux fenêtres.

Et c'est moi maintenant qui me tourne.

Dans la nuit borgne sous la masse cyclope d'une lune  
vacillante.

Vers le point familier du doute de tout.

*Ponto vacilante*

Tu viras-te sem massa alguma sem dificuldade  
alguma lenta até ao ponto vacilante da dúvida de  
tudo.

Não te salvei da noite difícil.

Tu não dormes separada de mim estreita e separada  
de mim.

Tu és completamente imune espiritualmente e com-  
pletamente.

Imune mas às mãos cheias.

E a elegância difícil das nuvens penetra-te pelo  
abismo dos telhados entre as duas janelas.

E sou eu agora que me viro.

Na noite estrábica sob a massa ciclope de uma lua vaci-  
lante.

Em direcção ao ponto familiar da dúvida de tudo.

Je regardai ce visage. qui avait été à moi. de la manière la plus extrême.

Certains. en de semblables moments. ont pensé invoquer le repos. ou la mer de la sérénité. cela leur fut peut-être de quelque secours. pas moi.

Ta jambe droite s'était relevée. et écartée un peu. comme dans ta photographie titrée *la dernière chambre*.

Mais ton ventre cette fois n'était pas dans l'ombre. point vivant au plus noir. pas un mannequin. mais une morte.

Cette image se présente pour la millième fois. avec la même insistance. elle ne peut pas ne pas se répéter indéfiniment. avec la même avidité dans les détails. je ne les vois pas s'atténuer.

Le monde m'étouffera avant qu'elle ne s'efface.

Je ne m'exerce à aucun souvenir. je ne m'autorise aucune évocation. il n'y a pas de lieu qui lui échappe.

Eu olhava aquele rosto. que fora meu. da maneira mais extrema.

Alguns. em momentos semelhantes. pensaram invocar o repouso. ou o mar da serenidade. talvez lhes tenha sido útil. para mim não.

A tua perna direita erguera-se. e afastara-se um pouco. como na tua fotografia intitulada *o último quarto*.

Mas o teu ventre desta vez não estava na sombra. ponto vivo no mais negro. não um manequim. mas uma morta.

Esta imagem surge pela milésima vez. com a mesma insistência. é impossível que não se repita indefinidamente. com a mesma avidez nos detalhes. não os vejo atenuarem-se.

Serei sufocado pelo mundo antes que ela se apague.

Não me agarro a nenhuma memória. não me permito qualquer evocação. não há lugar que lhe escape.



On ne peut pas me dire: «sa mort est à la fois l'instant qui précède et celui qui succède à ton regard. tu ne le verras jamais».

On ne peut pas me dire: «il faut le taire».

Não podem dizer-me: «a sua morte é ao mesmo tempo o instante que precede e aquele que vem depois do teu olhar. tu nunca o verás.»

Não podem dizer-me: «é preciso calá-lo».

*Battement*

Battement de la mer

eau en mouvement eau  
errante. débris. thym.

Orties. contre le temps

j'allais à ton odeur. je m'allongeais sur ta ruine.

Je dormais devant ton corps.

Temps en retour ré

volu maintenant. rose

Photographique soufflée.

Des vents . rose

baie . rosaire

Que ta main arrête .

battement temps

qui

de nouveau

arrive

*Pulsação*

Pulsação do mar

água em movimento água  
errante. escombros. tomilho.

Urtigas. contra o tempo

eu ia atrás do teu cheiro. deitava-me sobre as tuas ruínas.

Dormia diante do teu corpo.

Tempo que volta de

saparecido agora. rosa

Fotográfica soprada.

Ventos . rosa

baga . rosário

Que a tua mão se detenha .

pulsação tempo

que

de novo

chega

## INDEX

### I

- 10 *Méditation du 12/5/85*  
14 *Méditation de la certitude*  
18 *Je voulais détourner son regard à jamais*  
22 *L'irressemblance*  
24 *En moi régnait la désolation*  
26 *Où es-tu ?*  
28 *Point vacillant*  
30 *Méditation du 21/7/85*  
34 *Battement*

### II

- 38 *Dès que je me lève*  
42 *Méditation du 8/5/85*  
44 *Le sens du passé*  
46 *Jusqu'à la nuit*  
50 *1983: janvier. 1985: juin*  
52 *Je peux affronter ton image*  
54 *Au matin*  
56 *Dans l'espace minime*  
60 *Fins*

### III

- 64 *C.R.A.Pi.Po.: Composition rythmique abstraite  
pour pigeons et poète*  
68 *Ludwig Wittgenstein*  
72 *Un jour de juin*  
74 *Lumière, par exemple*  
76 *Une logique*  
80 *Roman-photo*  
84 *Roman, II*

## ÍNDICE

- 5 *SOBRE ALGUMA COISA NEGRO*  
*Gonçalo M. Tavares*

### I

- 11 *Meditação de 12/5/85*  
15 *Meditação da certeza*  
19 *Queria desviar para sempre o seu olhar*  
23 *A dissemelhança*  
25 *Em mim reinava a desolação*  
27 *Onde estás?*  
29 *Ponto vacilante*  
31 *Meditação de 21/7/85*  
35 *Pulsação*

### II

- 39 *Desde que me levanto*  
43 *Meditação de 8/5/85*  
45 *O sentido do passado*  
47 *Até à noite*  
51 *1983: Janeiro. 1985: Junho*  
53 *Posso enfrentar a tua imagem*  
55 *De manhã*  
57 *No espaço mínimo*  
61 *Fins*

### III

- 65 *C.R.A.Po.Po: Composição rítmica abstracta  
para pombos e poeta*  
69 *Ludwig Wittgenstein*  
73 *Um dia de Junho*  
75 *Luz, por exemplo*  
77 *Uma lógica*  
81 *Foto-novela*  
85 *Romance, II*

- 88 *Roman, III*  
92 *La certitude et la couleur*

IV

- 96 *Je vais me détourner*  
100 *Portrait en méditation*  
102 *Pexa et hirsuta*  
104 *Mais voilà: à ce moment*  
106 *Mort*  
110 *Morte*  
112 *Portrait en méditation, III*  
114 *Portrait en méditation, IV*  
116 *Portrait en méditation, V*

V

- 120 *Méditation de l'indistinction, de l'hérésie*  
124 *Méditation à l'identique*  
126 *Mort singulière*  
128 *Méditation de la pluralité*  
130 *Scénario de la méditation*  
132 *Méditation des sens*  
134 *Théologie de l'inexistence*  
136 *Méditation de la comparaison*  
140 *Apatride*

VI

- 146 *Cette photographie, ta dernière*  
150 *Envoi*  
154 *Nuages*  
156 *Pinceau lumineux*  
158 *Énigme*  
160 *Art de la vue*  
164 *Affirmation de conformité*  
166 *« Toutes les photographies sont moi »*  
168 *Cette photographie, ta dernière*

- 89 *Romance, III*  
93 *A certeza e a cor*

IV

- 97 *Vou desviar-me*  
101 *Retrato em meditação*  
103 *Pexa e hirsuta*  
105 *Mas eis que: nesse momento*  
107 *Morte*  
111 *Morta*  
113 *Retrato em meditação, III*  
115 *Retrato em meditação, IV*  
117 *Retrato em meditação, V*

V

- 121 *Meditação da indistinação, da heresia*  
125 *Meditação idêntica*  
127 *Morte singular*  
129 *Meditação da pluralidade*  
131 *Cenário da meditação*  
133 *Meditação dos sentidos*  
135 *Teologia da inexistência*  
137 *Meditação da comparação*  
141 *Apátrida*

VI

- 147 *Esta fotografia, a tua última*  
151 *Envio*  
155 *Nuvens*  
157 *Pincel luminoso*  
159 *Enigma*  
161 *Arte de ver*  
165 *Afirmção de conformidade*  
167 *« Todas as fotografias são eu »*  
169 *Esta fotografia, a tua última*

VII

- 174 *Maintenant sans ressemblance*  
176 *Dans cette lumière*  
178 *Cette région*  
182 *Dans cette lumière, II*  
184 *L'histoire n'a pas de souvenirs*  
188 *Dans cette lumière, III*  
192 *Pornographie*  
194 *Dans cette lumière, IV*  
196 *Mort réelle et constante*

VIII

- 200 *Je ne peux pas écrire de toi*  
202 *L'idée de ce lieu*  
204 *«Ce même c'est ta mort et le poème»*  
206 *Dialogue*  
208 *Le ton*  
210 *Tu m'échappes*  
212 *Univers*  
216 *Monde naïf*  
218 *Aphasie*

IX

- 222 *Les jours*  
224 *En moi*  
226 *Ça tenait*  
228 *Ce temps que nous avions au monde*  
230 *Dans cet arbre*  
232 *Nonvie*  
234 *Nonvie, II*  
236 *Nonvie, III*  
238 *Nonvie, IV*

240 RIEN

VII

- 175 *Agora sem pareçença*  
177 *Nesta luz*  
179 *Esta região*  
183 *Nesta luz, II*  
185 *A história não tem recordações*  
189 *Nesta luz, III*  
193 *Pornografia*  
195 *Nesta luz, IV*  
197 *Morte real e constante*

VIII

- 201 *Não posso escrever sobre ti*  
203 *A ideia deste lugar*  
205 *«Este mesmo é a tua morte e o poema»*  
207 *Diálogo*  
209 *O tom*  
211 *Escapas-me*  
213 *Universo*  
217 *Mundo ingénuo*  
219 *Afasia*

IX

- 223 *Os dias*  
225 *Em mim*  
227 *Aguentava-se*  
229 *Este tempo que nos cabe no mundo*  
231 *Nesta árvore*  
233 *Nãovida*  
235 *Nãovida, II*  
237 *Nãovida, III*  
239 *Nãovida, IV*

241 NADA

245 O QUE VEM DEPOIS DO SILÊNCIO  
*José Mário Silva*

*alguma coisa negro*



de Jacques Roubaud

foi impresso na Guide, Artes Gráficas,  
em papel CoralBook de 90 g, em Dezembro de 2016.

